



**TEXTO EM
REVISÃO**

**ATUALIZADO EM
05/2021**

**SUBSÍDIOS À LEITURA DO ROMANCE
DER PROCESS DE FRANZ KAFKA
(CONTINUAÇÃO DA PESQUISA REALIZADA NO
PPGF/UFRJ)**

Kafka e a Filosofia

Dentre as inúmeras abordagens da obra de Franz Kafka, um dos escritores de maior influência no século XX, cuja fortuna crítica não para de crescer nesse novo século, encontram-se inúmeros estudos que analisam os aspectos filosóficos da obra do autor. O interesse recíproco entre filosofia e literatura possibilita a elaboração de pesquisas que investigam as temáticas que envolvem a obra de Kafka, o que não é de surpreender em face do caráter universal das questões suscitadas e da ambiguidade dos elementos narrativos. Trabalhos, em quantidade relevante, identificam e mesmo vinculam Kafka a um movimento filosófico ou a um filósofo específico; enquanto outros são mais abrangentes e prospectivos em suas reflexões filosóficas.

De qualquer sorte, as diversificadas interpretações são fruto da orientação de cada autor; como exemplo, citamos a obra ***Philosophy and Kafka***¹, com a participação de diversos colaboradores sob as mais variadas perspectivas: Adorno, Benjamin, Deluze, Kant e Wittgenstein.

Por sua vez, Yvonne M. Fleischmann examinou a ponte que une filósofos gregos, Sartre e Camus, em estudo literário, mitológico e filosófico na obra ***War Kafka Existentialist?***², onde tratou do *cogito* de Descartes, do conceito de existência em Kierkegaard, do conceito de situações limítrofes e da culpa em Jasper e do modelo em Heidegger. Dedicou capítulo ao existencialismo de Sartre, entendendo que a filosofia de Sartre caracteriza um existencialismo específico. Também dedicou um capítulo à filosofia do absurdo e ao existencialismo em Camus e outro ao existencialismo literário. Confrontou Kafka com os mitos gregos, efetuando longo estudo da mitologia grega; por fim, apresenta síntese comparativa entre Kafka e os existencialistas.

Julia Jonas, em ***Der Phänomenologische Text. Eine Studie zu Edmund Husserl, Martin Heidegger und Franz Kafka***³, discorre sobre a identidade e o sentido nos textos fenomenológicos em Edmund Husserl; a linguística da redução, o fenômeno e a aparência, o conceito da unidade da filosofia em Martin Heidegger; em Franz Kafka, ela abordou: a textualidade da redução, do conceito fenomenológico para o texto transcendental, palavra e conceito – escrita e significado, e a transcendentalidade e limite corporal.

Ralph P. Crimmann enveredou por uma interpretação da filosofia da cultura, ***Versuch einer kulturphilosophischen Interpretation***⁴, na qual analisou, na atualidade, a filosofia subjetiva de Descartes, Kant, Marx, Kierkegaard e Nietzsche, passando por algumas das obras de Kafka, inclusive ***Der Process (O Processo)***. Crimmann dedicou

1 MORAN, Brendan; SALZANI, Carlo (Ed.). ***Philosophy and Kafka***. Maryland: Lexington Books. 2013.

2 FLEISCHMANN, Yvonne M. ***War Kafka Existentialist?. Gracchus, Orestes, Sisyphos – Literarische, mytologische und philosophische Brücken zu Sartre und Camus***. Marburg: Tectum, 2009.

3 JONAS, Julia. ***Der Phänomenologische Text. Eine Studie zu Edmund Husserl, Martin Heidegger und Franz Kafka***. Würzburg: Königshausen & Neumann, 2004.

4 CRIMMANN, Ralph P. ***Franz Kafka - Versuch einer kulturphilosophischen Interpretation***. Schriften zur Kulturwissenschaft. Band 54. Hamburg: Verlag Dr Kovač, 2004

um capítulo à visão contemporânea de Kafka.

Carmelo Colangelo, em *Una Rotonda sul male – Kafka allo specchio dei filosofi*⁵, lembra que filósofos, das orientações mais diversas, compulsaram a obra de Kafka, o que inclui, certamente além dos romances, contos, diário, cartas em busca da definição da ideia de mal.

O Juiz austríaco Janko Ferk elaborou uma obra sobre a filosofia do direito de Kafka, *Recht ist ein “Prozess” Über Kafkas Rechtsphilosophie*⁶; em capítulo baseado em *Der babylonische Dolmetscher. Zu Franz Kafka und Robert Walser*, de Hans Dieter Zimmermann, lembra que os estudos sobre a obra de Kafka se avolumam, mas até hoje Kafka está para ser descoberto como filósofo. Muitos registros estão encobertos pela sua obra de ficção. Caso os aforismos de Kafka fossem mais conhecidos, ele seria tido como um filósofo de primeira linha, até mesmo porque esta forma de registro não sistemático dos aforismos se tornou dominante na filosofia moderna após Hegel. Assim, o filósofo Kafka está presente na história intelectual moderna da Europa. Com isso, o próprio Ferk entende que deva se pensar na sua filosofia do direito.

Ferk demonstra os pontos de contato e oposição entre Kafka e Kierkegaard, tendo os dois a particularidade do tema religioso, o catolicismo em Kierkegaard e o judaísmo em Kafka. Quanto ao aspecto da estética literária, lembra que Kafka é um escritor irônico, que adota uma estética literária irônica, embutindo um questionamento; ao passo que Kierkegaard é sempre afirmativo. Para Zimmermann, segundo Ferk, Kafka desenvolveu a filosofia da religião, pois a ‘dialética negativa’ de Kafka, que o coloca próximo da tradição da ‘Teologia negativa’, emergiu da mística judaica. Entende que a pesquisa das raízes filosóficas de Kafka também deva enveredar por esse caminho.⁷ O estudo de Ferk, com a exposição detalhada sobre a legislação da época é fundamental na interpretação das obras de Kafka que têm sustentação em questões jurídicas.

5 COLANGELO, Carmelo. *Uma rotonda sul Male. Kafka allo specchio dei filosofi*. Napoli: d’if. - i miosótis – i saggi del cuore, 03 2014.

6 FERK, Janko. *Recht ist ein “Prozess”. Über Kafkas Rechtsphilosophie*. Wien: Atelier. 2006.

7 FERK, Janko. *Recht ist ein “Prozess”. Über Kafkas Rechtsphilosophie*. Wien: Atelier. 2006,p.36-40.

O romance **Der Process** (**O Processo**), quanto ao seu aspecto filosófico, também, foi estudado por Jeff Fort⁸, Dimitris Vardoulakis⁹ e Paul Alberts¹⁰.

Albert Zandvoort¹¹ atentou para a alienação e culpa em **Der Prozeß** (**O Processo**) e **Das Schloß** (**O Castelo**), que demonstra os enfoques específicos da obra:

Diese Untersuchung geht von der Annahme aus, dass die vielschichtige Problematik in Kafkas Werken eine gemeinsame Basis aufweist, die im beschränkten Bewusstsein der Kafka'schen Protagonisten begründet ist. Diese bewusstseins-beschränkung zwingt den Kafka'schen menschen unvermeidlich in ein entfremdetes Dasein¹²

Essa pesquisa partiu da aceitação que as diversas questões na obra de Kafka apresentam uma base comum, qual seja a de que se fundam na consciência limitada dos protagonistas de Kafka. Essa limitação da consciência obriga a que o humano de Kafka inevitavelmente se afaste do ser. (tradução livre)

O *Dasein* é aqui entendido como *ser*, diversamente da *presença* em Heidegger.

Para Zandvoort, a fundamentação filosófica de Kafka, ou melhor, sua influência é na linha de Schopenhauer e Kierkegaard, além de constatar que as problemáticas tratadas na obra se relacionam às questões existencialistas, impregnadas pelas suas próprias questões histórico-psicológicas. O mundo dos protagonistas de Kafka é dilacerado e eles são culpados por essa desarmonia. A problemática é fundada na limitação da consciência. O 'eu' é dividido em um 'verdadeiro eu' e em um 'eu de fachada'. O 'eu' verdadeiro do protagonista ambiciona uma concepção de mundo segundo uma existência verdadeira. Uma vida verdadeira sob o reconhecimento do próximo e iluminado pela transcendência; esse é o objetivo do 'eu verdadeiro'. Todavia, enquanto

8 FORT, Jeff. *The Imperative to Write*. New York: Fordham University Press. 2014, p.101-143.

9 VARDOULAKIS, Dimitris. *Kafka's Empty Law*. In: MORAN, Brendan; SALZANI, Carlo (Ed.). *Philosophy and Kafka*. Maryland: Lexington Books. 2013, p.33-52.

10 ALBERTS, Paul. *Knowing Life Before the Law*. In: MORAN, Brendan; SALZANI, Carlo (Ed.). *Philosophy and Kafka*. Maryland: Lexington Books. 2013, p.179-197.

11 ZANDVOORT, Albert. *Kafka: Entfremdung und schuld in 'Der prozeß' und 'Das Schloß'*. *Literarische, philosophische und psychologische Betrachtung*. Saarbrücken: AV Akademikerverlag GmbH & Co. 2013.

12 Ibidem., p.3.

representantes do homem moderno, tais protagonistas são dominados pelo 'eu' de fachada e o *ser* se distancia de seu 'eu' verdadeiro. O homem moderno vive a culpa de seu afastamento do seu 'eu' verdadeiro e da transcendência. Com isso o homem é um estranho no mundo e o mundo lhe é estranho, assim como tudo o que lhe acontece.

Nesse contexto, segue Zandvoort, o tribunal e os funcionários do castelo representam apenas uma instância onde o 'eu' verdadeiro do homem convida a revogar a alienação e a culpa. Kafka chama a atenção para o fato de que o homem atual não entende esse chamado. Ele perdeu a confiança no mundo e uma solução é impensável. A revogação da alienação dos protagonistas de Kafka reside na crença do verdadeiro 'eu', no próximo e na transcendência; é através da reflexão que devem tentar reconhecer o seu mundo.

Enfatiza Zandvoort que o homem em Kafka é compelido a um esquizoide e absurdo *Dasein*. Em ***Der Prozeß (O Processo)*** a sua vida o leva a uma desintegração sem sentido da mente e do corpo que se encerra com uma morte impiedosa.

O autor desenvolveu, em sua pesquisa, as concepções histórica e religiosa do mundo em Kafka, assim como a alienação e a culpa nas obras mencionadas.

Cabe ainda lembrar Albert Camus, em apêndice ao ensaio sobre ***Le Mythe de Sisyphe (O Mito de Sísifo)***, na publicação de suas ***Œuvres complètes***¹³: ***L'espoir et l'Absurde dans l'Œuvre de Franz Kafka***, para quem Kafka é um romancista existencialista, voltado para o absurdo e suas consequências, o que conduz ao grito de esperança. Apesar de entender como legítima a interpretação de ***Le Procès (O Processo)*** como uma crítica social, afirma ser uma simbologia do absurdo. Há o registro da condição humana, uma absurdidade fundamental e uma implacável grandeza. Kafka exprime a tragédia do cotidiano e o absurdo pela lógica; ele exprime o absurdo através da coerência.

Para Camus, toda a arte de Kafka está em obrigar o leitor a reler. O

13 CAMUS, Albert. ***L'espoir et l'Absurde dans l'Œuvre de Franz Kafka***. In: ***Œuvres complètes***. I. 1931-1944. Paris: Gallimard, 2013, p.305-316.

desfecho ou a falta de desfecho em suas obras, apesar de sugerir explicações, não as revelam de forma clara e, para que possa identificá-las, o leitor deve reler a obra sob um novo prisma.

Relata hipótese em que há mais de uma possibilidade de interpretação, quando se necessitará de nova leitura; Camus entende ser esse o objetivo de Kafka. Acredita que não se deva querer tudo interpretar em Kafka, **pois um símbolo é universal e nada é mais difícil do que entender uma obra simbólica.**

Os sentidos emanados do símbolo, pela natureza representativa das forças inerentes à alteridade, ultrapassam a pretensão comunicativa de quem o utiliza. **Deve-se, em Kafka, abordar o drama pela aparência e o romance pela forma.**

Segundo Camus, no livro **Le Procès (O Processo)**, apesar de acusado, Josef K. ignora os fatos que lhe são imputados e tenta se defender mesmo sem saber os motivos que sustentam a incriminação. K. continua a levar sua vida, é condenado em uma sombria sala de tribunal, sem compreender o que acontece, quando, por fim, dois senhores o levam a um bairro de periferia da cidade e o degolam. Antes de morrer, o condenado diz: “como um cachorro”. Camus faz a correlação entre o simbólico e o natural, esse como categoria de difícil compreensão. Trata-se de uma imagem da condição humana, entendendo Camus que o romance é mais particular e pessoal à Kafka, que em certo sentido é Kafka que nos fala e a nós se confessa.

Camus entende que a falta de assombro de K. diante das situações é uma contradição que indica ser **Le Procès (O Processo)** uma obra do absurdo. O espírito projeta no concreto sua tragédia. **Entende que o segredo de Kafka reside na ambiguidade fundamental entre o natural e o extraordinário, o individual e o universal, o trágico e o cotidiano, o absurdo e o lógico, que se encontram em toda a sua obra e lhe dão tanto a ressonância quanto a significação. São esses paradoxos que devem ser enumerados, essas contradições devem ser reforçadas para que se compreenda a obra do absurdo.**

Apesar disso, Camus entende que se possa considerar que a obra não seja absurda, reconhecendo que é dotada de grandeza e universalidade: “*Je parlerai comme lui et je dirai que son œuvre n’est probablement pas absurde. Mais que cela ne nous prive pas de voir sa grandeur et son universalité*”¹⁴ (Eu falarei como ele e direi que sua obra provavelmente não é absurda. Mas que isso não nos priva de ver sua grandeza e universalidade). **Isso, segundo Camus, porque uma obra verdadeiramente absurda não é universal.**

Afirma que tudo na obra de Kafka é essencial, que ela coloca o problema do absurdo em sua inteireza. Destaca que se é próprio da arte ligar o geral ao particular, a eternidade efêmera de uma gota d’água no jogo de suas luzes, é mais verdade ainda estimar a grandeza do escritor do absurdo que introduz a diferença entre esses dois mundos. O seu segredo é de saber encontrar o ponto exato onde eles se reencontram, na sua maior desproporção. Esse lugar geométrico do humano e do inumano¹⁵.

Camus finaliza por se referir a Fausto e Dom Quixote, como criações de arte, por sua grandeza sem medida, nos mostram seus aspectos terrenos. Afirma que a determinada altura o espírito nega essas verdades. Um momento em que a criação não é mais tomada como trágica, mas seriamente. O homem se ocupa da esperança, não sendo esse o seu dever, cabe ao homem se desviar dos subterfúgios. Camus encontra o homem no final do processo que Kafka instituiu em face de todo o universo. O seu veredicto impensável absolve esse mundo hediondo e perturbador, no qual as toupeiras, elas mesmas, se juntam à esperança.¹⁶

De Camus, com seu escrever poético, em que pese apontar uma conexão com o absurdo, fica o seu registro, aparentemente paradoxal, de que uma obra verdadeiramente absurda não é universal, enquanto a obra de Kafka é universal, como ele mesmo reconheceu.

14 CAMUS, Albert. *L’espoir et l’Absurde dans l’Œuvre de Franz Kafka*. In: *Œuvres complètes*. I. 1931-1944. Paris: Gallimard, 2013, p.313.

15 CAMUS, Albert. *L’espoir et l’Absurde dans l’Œuvre de Franz Kafka*. In: *Œuvres complètes*. I. 1931-1944. Paris: Gallimard, 2013, p.314-315.

16 CAMUS, Albert. *L’espoir et l’Absurde dans l’Œuvre de Franz Kafka*. In: *Œuvres complètes*. I. 1931-1944. Paris: Gallimard, 2013, p.315.

Dentre as inúmeras questões filosóficas que Kafka aborda em sua obra, sobressai, como norte, a opressão. No caso de *Der Process* (O Processo), a opressão aparece como gênero revelada por várias facetas narradas:

nas peripécias e atribulações vividas por K.;

na descrição dos ambientes;

na atitude prepotente dos integrantes do tribunal;

na arbitrariedade na condução do processo, permeada pela tirania do Estado;

na coação exercida pelos que o apossavam;

na humilhação de sua exposição nos ambientes residencial e laboral;

na angústia existencial sofrida pela personagem;

na violência da sua execução;

na submissão pela impotência reativa que determinou seu abatimento.

Kafka reuniu em um único feito uma sucessão de adversidades, cuja tétrica ocorrência induz o leitor a refletir filosoficamente sobre a injustiça, como um sentimento que brota. O autor mantém viva a crença no 'processo' como mecanismo através do qual a justiça e a liberdade triunfam sobre formas de opressão, tal qual sinalizado em duas passagens do capítulo final: "Será que podem dizer de mim que no início do processo eu quis terminá-lo e agora, no seu fim, quero reiniciá-lo?"¹⁷ e "Onde estava o juiz que ele nunca tinha visto? Onde estava o alto tribunal ao qual ele nunca tinha chegado?"¹⁸, além da passagem riscada: "O que aconteceria se eu deslocasse o processo para o âmbito das leis do Estado? Poderia chegar a um ponto em que eu precisasse defender estes senhores contra o Estado!"¹⁹

¹⁷ KAFKA, Franz. **O Processo**. São Paulo. Companhia das Letras, 2004, p.275.

¹⁸ KAFKA, Franz. **O Processo**. São Paulo. Companhia das Letras, 2004, p.278.

¹⁹ KAFKA, Franz. **O Processo**. São Paulo. Companhia das Letras, 2004, p.314.